



**INSTITUTO IGARAPÉ**  
a think and do tank

## **Pesquisa do Igarapé mostra as violências sofridas por defensoras da Amazônia no Brasil, Colômbia e Peru**

*Das 287 entrevistadas, quase a metade sofreu algum tipo de violência entre 2021 e 2022  
Violência psicológica é a mais citada nos três países*

Na Amazônia, mulheres que estão na linha de frente do combate à exploração ilegal dos recursos naturais da floresta, invasão de terras e expropriação de povos sofrem violências que vão além de seus corpos. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Igarapé com **287 defensoras** da bacia amazônica do Brasil, Colômbia e Peru mostra que **47% delas** foram vítimas de algum tipo de violência entre 2021 e 2022 – e a psicológica aparece como a mais citada nos três países: **28% das respostas no Brasil, 30% na Colômbia e 42% no Peru**. A violência moral vem em segundo lugar, com **22%** de menções no Brasil, **12%** na Colômbia e **19%** no Peru.

A pesquisa foi desenvolvida com a consultoria de 13 defensoras da Amazônia, capacitadas pelo Igarapé para, a partir de suas redes de relacionamento, entrevistar mulheres que atuam na defesa dos direitos humanos e do meio ambiente na região. O objetivo foi mapear quem são, onde estão, quais seus riscos e vulnerabilidades, e provocar os sistemas de proteção a mirarem na questão de gênero para serem mais efetivos.

“O problema começa na própria invisibilidade dos diferentes conflitos presentes na Amazônia, que passam por questões relacionadas ao direito à terra, à água e à preservação do meio ambiente. Muitas vezes, são mulheres que estão na linha de frente da luta por esses direitos e, por isso, acabam sofrendo diversos tipos de violência e agressões que ficam escondidos e muitas vezes naturalizados”, diz Melina Risso, diretora de Pesquisa do Instituto Igarapé.

Tão naturalizadas que nem todas as mulheres na luta por direitos humanos e na defesa do meio ambiente se reconhecem como defensoras, como mostrou um levantamento do Igarapé de 2021. O grupo de consultoras, composto por defensoras reconhecidas, como Angela Mendes, filha e herdeira de Chico Mendes, o líder seringueiro assassinado em 1988; Elizângela Baré, líder indígena do Alto Rio Negro; e a ativista de direitos humanos Claudelice dos Santos, trabalhou com o Igarapé para trazer à luz dados mais próximos da realidade dessa violência.

Nos questionários, por exemplo, elas classificaram 19 tipos de violência. Com suas diferentes identidades e nacionalidades, as mulheres entrevistadas apresentaram respostas que revelam alguns padrões. O alto índice de “desconhecidos” na indicação de quem cometeu as violências – **quase a metade (49%) das menções na Colômbia, 36% no Peru e 24% no Brasil** – sugere o uso de táticas de intimidação e silenciamento comuns por parte dos autores.

No Brasil, chama a atenção o percentual de respostas (**16%**), acima dos demais países, que aponta proprietários de terras, fazendeiros, grileiros e posseiros como os perpetradores. Também foi o país em que houve a maior parcela de citações (**43%**) a “meios eletrônicos”, que incluem as mídias sociais, como instrumentos de violência.



**INSTITUTO IGARAPÉ**  
a think and do tank

O trabalho faz parte do projeto que o Igarapé realiza há dois anos com o objetivo de reconhecer as defensoras, descortinar as violências contra elas e contribuir para sua proteção, promovendo programas de pesquisa, proteção e capacitação remunerada. A maioria das mulheres dos três países pesquisados (**67% no Brasil, 57% na Colômbia e 83% no Peru**) não é remunerada por sua atuação como defensora, em mais um tipo de violência e invisibilização.

#### **Outros dados:**

- O Brasil apresenta o maior percentual de respostas para “isolamento, invisibilização e silenciamento”: **23%** das mulheres ouvidas relataram ter sofrido esse tipo de violência;
- Entre as mulheres brasileiras ouvidas, **11%** disseram que os conflitos em seus territórios acontecem por causa de projetos de infraestrutura, bem acima de Colômbia (**1%**) e Peru, que **não chegou a 1%**.
- As defensoras ouvidas que deixaram seus territórios de origem/atuação representam **44% no Brasil, 42% na Colômbia e 55% no Peru**. Quando se pergunta os motivos, no Brasil e no Peru, a maior parte das respostas apontou uma necessidade econômica ou para estudar. Nos três países, porém, é interessante notar os índices de “motivos pessoais” (**55% na Colômbia, 37% no Peru e 26% no Brasil**), que podem mascarar violências domésticas; e a situação na Colômbia, onde **24%** delas saíram por força de conflitos armados.
- **Metade das defensoras** que sofreram violência na Colômbia e no Peru, e **36%** delas no Brasil, contaram não ter recebido qualquer tipo de atenção.

A pesquisa, no formato de infográfico interativo, pode ser acessada [aqui](#).

O perfil das 13 defensoras pode ser acessado [aqui](#).

**Mais informações:** [raphael.lima@igarape.org.br](mailto:raphael.lima@igarape.org.br)/[press@igarape.org.br](mailto:press@igarape.org.br)/ [giovana@pensatacom.com](mailto:giovana@pensatacom.com)

#### **Sobre o Instituto Igarapé**

O Instituto Igarapé é um think and do tank independente, que desenvolve pesquisas, soluções e parcerias com o objetivo de impactar tanto políticas como práticas públicas e corporativas na superação dos principais desafios globais. Nossa missão é contribuir para a segurança pública, digital e climática no Brasil e no mundo. O Igarapé é uma instituição sem fins lucrativos e apartidária, com sede no Rio de Janeiro e atuação do nível local ao global.